



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração das novas instalações da Agência Central dos
Correios de São Paulo**

São Paulo-SP, 30 de janeiro de 2008

Meu caro governador do estado de São Paulo, José Serra,
Meu caro ministro das Comunicações, Hélio Costa,
Meu caro Luiz Marinho, ministro da Previdência Social,
Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio
Exterior,

Meu caro Franklin Martins, ministro-chefe da Secretaria de Comunicação
Social,

Senhores senadores Eduardo Suplicy e Romeu Tuma,
Senhores deputados federais Carlos Zarattini, Ricardo Izar e Vicentinho,
Meu caro prefeito da cidade de São Paulo, Gilberto Kassab,
Senhor Carlos Henrique Almeida Custódio, presidente da Empresa
Brasileira de Correios e Telégrafos,

Meu caro Marcos Antônio Vieira da Silva, diretor regional dos Correios
de São Paulo Metropolitana,

Meu caro prefeito de Osasco,
Trabalhadores dos Correios,
Carteiros e funcionários,
Companheiros da imprensa,

Hoje, se vocês repararem bem, deveria ser um dia em que pelo menos
os administradores do País devem estar mais otimistas. Um grande jornal de
São Paulo, hoje, publica uma manchete de que caiu a criminalidade no País e
em São Paulo. E, aí, começa a indagação do motivo por que caiu a



criminalidade. Eu não sei se um ser humano só seria capaz de dizer as razões pelas quais caiu a criminalidade.

Mas de uma coisa eu tenho certeza: se nós passamos quase 30 anos vendo a economia brasileira definhar, com momentos de picos e de esperanças que terminavam logo em seguida, nós fomos criando uma geração de jovens que teve menos oportunidade de estudar, menos oportunidade de trabalhar e, portanto, milhões de jovens brasileiros ficavam mais vulneráveis, na medida em que não tinham perspectiva de futuro.

Vocês perceberam o discurso do presidente dos Correios. Essa era uma empresa... eu me lembro quando o ministro das Comunicações, ainda no governo Sarney, falava em privatizar os Correios, sob a alegação de que os Correios não davam lucro. E aqui foi anunciado um lucro. O governo federal se sente feliz porque pagou-se 1 bilhão e 100 milhões de Imposto de Renda; o Kassab, a Prefeitura de São Paulo não recebe ISS; o estado, acho que não recebe nada. Mas a empresa deu lucro. A empresa dando lucro, pode voltar ao seu berço de origem.

Eu era moleque, com 14 anos, morava na Vila Carioca, Kassab, e a gente não conhecia isto aqui por outro nome, que não fosse “Praça dos Correios”. Era o nome pelo qual a gente conhecia este lugar aqui. Depois, os infortúnios da economia do nosso País ou, quem sabe, um momento de mau gerenciamento, essa empresa, muitas vezes, aparecia nas manchetes dos jornais como uma empresa deficitária. E, obviamente, tudo que era deficitário pensava-se em vender, no País. É improvável que um empresário esperto fosse comprar uma empresa deficitária. Ele compraria uma empresa deficitária porque ele sabia que tinha um problema de gerenciamento, e que se melhorasse o gerenciamento, essa empresa poderia melhorar.

O que está acontecendo hoje é que nós estamos combinando a empresa de maior credibilidade, na opinião pública brasileira, com o crescimento da empresa, com a melhoria da qualidade de vida dos



trabalhadores dessa empresa. Eu me lembro da última conversa que tivemos com os carteiros, em Brasília, no final do ano passado. Parte do abono já foi cumprida, já se pagou algumas partes. Eu sei que tem um plano de cargos e salários para a gente corrigir, ainda, não apenas dos Correios, mas de muitas outras categorias. E durante esse processo nós vamos tratar de encaminhar, sem que a gente leve a empresa a ficar deficitária outra vez. Quando a empresa estiver deficitária, perde o Brasil, perde o estado de São Paulo, perde a cidade de São Paulo e, sobretudo, perdem os funcionários.

Tivemos a oportunidade de anistiar todo o pessoal que foi mandado embora na greve, ainda, (da época) do Antônio Carlos Magalhães, todos foram anistiados. Uma coisa extremamente importante, governador e prefeito, é que os Correios vindo para cá, não só ele volta à sua origem, o bom filho retorna à sua casa, mas é uma contribuição extraordinária para revitalizar o Vale do Anhangabaú. E tudo isso permite o quê? Que a gente possa ver uma manchete de diminuição da criminalidade. A vida das pessoas está melhorando, as pessoas estão tendo mais perspectiva de emprego, as pessoas estão tendo perspectiva de poder voltar a estudar.

Este ano, governador, nós vamos formar os primeiros 50 mil jovens do ProUni, jovens da periferia que tiveram acesso à universidade por conta de um programa muito especial. Eu tenho recebido cartas de pessoas de 60 anos de idade, de pessoas da periferia de todo o País, dizendo que o ProUni deu a eles a possibilidade de voltarem a acreditar no futuro. Tem um ato que eu fiz aqui, em São Paulo, na Imigrantes, naquele Centro de Convenções – o governador Alckmin estava presente. E esta semana eu recebi uma carta de um velhinho que entrou no ProUni, se formou e mandou uma carta agradecendo, perguntando se eu queria ser padrinho da formatura dele. Isso tudo contribui para que a gente tenha uma manchete dizendo: “Terminou a criminalidade”.

O que leva um jovem a fazer um ato de insanidade, a cometer um ato ilícito, a cometer uma violência? A verdade é que durante muito tempo houve



um processo de degradação da estrutura da sociedade brasileira, e isso não vai ser resolvido num curto espaço de tempo, acho que isso começou, também... não começou no meu governo, isso começou em outros governos. Acho que nós estamos fazendo a nossa parte. E acho que vai levar ainda alguns anos para que a gente possa devolver, como forma de contribuição e de melhoria de vida, o sacrifício que o nosso povo fez durante duas décadas e meia, em que desapareceram da porta das fábricas as placas de “precisa-se”, não existiam mais.

Este ano, só de carteira profissional assinada, foram criados 1 milhão, 617 mil postos de trabalho. É tudo isso o que o povo brasileiro deseja. Todo ser humano, seja ele jovem, seja ele mais idoso, quer trabalhar, quer ter um salário justo pelo seu trabalho, quer morar condignamente e viver em paz. Ninguém quer nada mais do que isso. O que as pessoas querem? Casar com um parceiro ou com uma parceira bonita, ter uma boa casa, ter um carro e ter um bom emprego. É esse o sonho, Serra, do povo pobre deste País. A maioria, eu diria que 90% do povo brasileiro pensa apenas nisso.

E quando a gente vê os Correios anunciarem lucro, quando a gente vê os Correios contratarem mais gente, quando a gente vê os Correios terem uma performance extraordinária, que eu me permito citar aqui: a empresa pública conta com 12 mil e 357 agências presentes em todos os municípios do País. As unidades dos Correios estão assim distribuídas: 5.998 unidades próprias, 1.704 unidades terceirizadas com operadores privados e 4.655 unidades terceirizadas com operadores públicos. Em 2007, os Correios inauguraram 150 novas unidades de atendimento; em 2008 estão previstas as instalações de mais 414 novas unidades. Em Santo Amaro tem uma muito grande, Kassab, que já está funcionando e que a gente não pôde inaugurar. Qualquer dia desses nós vamos lá descerrar a placa, em Santo Amaro, que é muito grande. E tudo isso significa o quê? Mais empregos, mais salário, mais distribuição de renda, mais consumo, significa mais riqueza para este País.



Eu penso que o momento que nós estamos vivendo no Brasil, e eu vi pelos discursos aqui... A gente aprende de pequeno o seguinte: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. O Sayad faz parte de uma geração de economistas que, junto com o José Serra, junto com o Luciano Coutinho, junto com outros companheiros, com o Suplicy, que também é economista... nós passamos vários anos achando que o Brasil não tinha jeito. Alguns companheiros nossos diziam: “Não tem jeito, está quebrado, acabou”.

E nós estamos vivendo o que, hoje? Estamos vivendo um momento de tamanha tranqüilidade, sem perder a responsabilidade, que até uma crise americana, que em outros tempos teria quebrado o País, nós estamos vendo os artigos em todas as revistas do mundo que, possivelmente, o Brasil seja o País que saia mais ileso dessa crise americana. E por que isso? Porque todos nós, é mérito da sociedade brasileira, é mérito dos políticos a favor e contra – porque às vezes os contra também contribuem, às vezes o discurso contra ajuda a fazer reflexão –, e resultado, sobretudo, da nossa democracia.

Eu acho, prefeito Kassab, que São Paulo ganha apenas aquilo que São Paulo merece, como a maior cidade brasileira. A cidade e o estado. Embora eu seja pernambucano, não me naturalizei paulista, eu devo tudo o que sou na vida ao estado de São Paulo, à cidade de São Paulo, porque foi aqui que eu aprendi a fazer as coisas.

Portanto, estou gratificado. Parabéns aos carteiros, parabéns aos funcionários, parabéns à direção dos Correios, parabéns ao ministro Hélio Costa e, sobretudo, parabéns ao governador e ao prefeito que ganham de volta essa obra majestosa, feita no início do século XX.

Um abraço e boa sorte para todos vocês.

(\$211A)